

A nova religião secular

Com o declínio das Igrejas protestantes que até agora eram *mainstream*, foi-se esbatendo o consenso de fundo, de carácter social e cultural, que durante séculos tinha formatado a sociedade norte-americana. A erosão deste consenso foi aproveitada pelo progressismo secular. É o que explica Joseph Bottum, ex-chefe de redacção da revista “First Things”, num livro sobre o mal-estar de um país dividido por fortes convicções ideológicas (“An Anxious Age: The Post-Protestant Ethic and the Spirit of America”; Image, Nova Iorque, 2014, 320 págs.).

“An Anxious Age” não é propriamente um livro histórico nem sociológico. Mais, é a visão intuitiva de um pensador profundo – que, além disso, é poeta – sobre o ambiente intelectual dos EUA. Reside neste ponto a força da sua análise, mas também a sua fraqueza: há muitas ideias sugestivas que nem sempre se podem aferir com factos e números. De qualquer modo, conseguiu provocar um debate com outros pensadores que reconhecem a sua estatura intelectual.

O protestantismo – explica Bottum – deu aos EUA uma unidade social e uma identidade cultural, que não teria podido conseguir com acordos políticos nem económicos. Mas este consenso de fundo esbateu-se com o declínio das Igrejas protestantes tradicionais (episcopalianos, metodistas, batistas, presbiterianos...), que desde os anos 60 e 70 do século passado, encetaram uma deriva frouxa em temas relacionados com fé e moral.

Enquanto cresce o número de norte-americanos que não aderem a nenhuma Igreja ou confissão, as confissões protestantes que até agora eram *mainstream* e os evangélicos, estão a perder fiéis; a percentagem de norte-americanos que se declaram protestantes caiu de 62% em 1972, para 48% em 2012.

E, no entanto, puritanos

A erosão do consenso cristão de fundo traduziu-se em mais ansiedade espiritual. Bottum recupera esta ideia do clássico estudo de Max Weber sobre “A ética protestante e o espírito do capitalismo” para explicar como algumas atitudes protestantes continuam em vigor sob forma secular.

“Os EUA estão cheios de pessoas que procuram freneticamente confirmar a sua própria bondade essencial. Somos um país de indivíduos desesperados em situar-se no lado da moralidade; ansiosos em saber se somos retos e se vivemos na luz. O problema é que perdemos a noção partilhada do que pode significar o bem”.

O progressismo secularizado que hoje domina grande parte da vida cultural e social norte-americana encontrou uma mina neste ambiente de ansiedade espiritual. E assim triunfou graças a um discurso que imita uma convicção “religiosa”: o que nos faz progredir é a adesão incondicional a uma estrutura de correção política. O novo “evangelho da prosperidade” promete-nos que a salvação vem de nos situarmos no lado correto da história.

Como qualquer religião, o progressismo secularizado tem os seus dogmas, os seus mandamentos, a sua liturgia... e, inclusivamente, a sua Inquisição. “Os pós-protestantes” – diz Bottum – “pensam que o melhor modo de atuar como um ser moral é definir-se contra o fanatismo e a opressão, entendendo o bem e o mal não primariamente em termos de conduta pessoal, mas como atitudes mentais sobre a condição social. Por outras palavras, o pecado aparece como um facto social, e a personalidade redimida confia na sua própria salvação estando consciente deste facto, reconhecendo e recusando o mal que obscurece a sociedade”.

Um exemplo recente mencionado (“American hope: Don’t conflate political culture and christianity” em “Public Discourse”, The Witherspoon Institute, 10.4.2014) por Bottum, é o que se passou com Brendan Eich, cofundador da Mozilla, que se viu obrigado a abandonar o seu cargo na empresa por ter doado mil dólares à campanha a favor de manter na Constituição da Califórnia a definição do casamento como a união entre homem e mulher, emenda que foi aprovada pela maioria dos votantes.

Paradoxalmente, depois de se ter desembaraçado das antigas restrições da religião, esta nova elite cultural optou por um moralismo muito rigoroso. “Como os velhos puritanos, pretendem utilizar a lei para obrigar os outros a comportarem-se de acordo com o que eles consideram correto”.

Os pós-protestantes partilham com o *establishment wasp* de há 50 anos, “a confiança moral e a certeza espiritual” de que os seus valores e a sua visão do mundo é a mais completa e progressista das possíveis. A grande diferença é que “se despojaram do cristianismo pelo caminho”.

Também se distinguem dos seus antepassados puritanos por “terem deslocado o centro das suas preocupações morais relativas ao corpo, do sexo para a comida”. Aceitarão sem pestanejar “As 50 Sombras de Grey”, mas condenarão – igualmente sem pestanejar – os pecados da obesidade e do tabagismo.

Uma débil cultura católica

Mas a ansiedade espiritual não se situa só no grupo dos progressistas. A crença de que existem “ideias sociais e políticas elevadas à posição de estranhas divindades” também foi abraçada com entusiasmo pelos conservadores, inclusivamente, por alguns crentes. “Ao longo do país, tanto entre progressistas como entre conservadores, vagueia o perturbador sentimento de que a forma como votamos é a forma como salva-mos a alma”.

Ao estilhaçar-se o consenso cristão de fundo, a ansiedade espiritual penetrou em cada canto da sociedade norte-americana. “Pensemos no nosso empenho em acreditar que os adversários políticos não somente estão errados, como, além disso, são maus. Pensemos na forma como fala-mos da comida, do peso, do tabaco; ou na forma como usamos termos tipo género, raça ou meio ambiente”.

“Não somos capazes de distinguir entre a maldade absoluta e as pessoas com quem discordamos:

Os republicanos do Congresso são uns talibãs Obama é um comunista O governador do Wisconsin é um nazi”. Esta tendência para demonizar os adversários políticos, atribuindo-lhes intenções perversas, realimenta a ansiedade do espaço público norte-americano.

Os católicos, conclui Bottum, podiam ter aproveitado o declínio do protestantismo *mainstream* para se converterem num purgante da nova cultura norte-americana. Mas a ideia de que “apenas a cultura política é a cultura que interessa” (e outros fatores) levou-os a abandonar o interesse em influir sobre determinados ambientes intelectuais.

É verdade que não faltaram nestes últimos anos muitos filósofos, teólogos e ensaístas, mas mal apareceram

cineastas, poetas ou romancistas católicos influentes. “A cultura católica, que atingiu o seu apogeu nos anos 50, desapareceu nas décadas seguintes a uma velocidade assombrosa”.

Do livro de Bottum se disse que é muito negativo e sem esperança, algo que não é assim tão estranho numa obra que tem por objetivo diagnosticar o mal-estar de uma cultura.

Mas talvez a crítica mais séria seja a feita pelo escritor protestante Greg Foster num artigo publicado em “Public Discourse” (“An anxious author: Hope and the spirit of Joseph Bottum”, 31.3.2014). Na sua opinião, Bottum – que é católico – carrega demasiado as tintas contra o protestantismo quando, na realidade, deveria tê-las carregado contra os seus desvios. E, assim, esquece algo fundamental: “que o ‘evangelho da prosperidade’ criou a ansiedade religiosa, precisamente porque abandonou a religião protestante”.

J. M.

(com autorização de

www.aceprensa.pt)

O “ultraconservador” inconformista

É sempre mais cómodo colocar um adjetivo depreciativo ao adversário, do que refutar as suas ideias. E, nos tempos que correm, com pensamentos de 140 caracteres, jornalismo político de declarações e comentários mordazes na rede, tem de se economizar as palavras. Os cortes também chegaram ao discurso.

Daí terem grande sucesso adjetivos que servem para etiquetar e, melhor, estigmatizar, o opositor. A tática não é nova. Na segunda metade do século XX, bastava o adjetivo “vermelho”, para a direita demonizar alguém de esquerda; ou “fascista” para depreciar à esquerda, o opositor da direita (Maduro, tão antigo, ainda o usa).

Ultimamente, nos meios da comunicação social que se presumem encarnar o progresso, o recurso depreciativo habitual é “ultraconservador”. Não é suficiente a carga negativa de “conservador”, pois, ao fim e ao cabo, já se sabe que a direita é conservadora por definição e não se pode depreciar metade do país.

Ultraconservador delimita mais o campo e acentua a carga pejorativa. Tem um ar de caverna, como os “ultramontanos” da época das lutas entre Roma e os Estados liberais. Indica atitudes extremistas, impróprias dos tempos atuais, partilhadas por poucos, indefensáveis com argumentos racionais, e talvez propensas à violência.

Poder-se-ia pensar que um ultraconservador é alguém que hoje defende um Estado confessional, que nega o direito ao voto das mulheres ou que reclama a pena de morte. Mas não, hoje pode-se aceder ao título de ultraconservador por muito menos. Basta que não se esteja de acordo com alguma das últimas modas sociais.

Por exemplo, basta que não se acredite no casamento *gay*, e passa-se a ser ultraconservador, mesmo que se seja um libertário que apenas admite o amor livre. Não interessa que o casamento entre pessoas do mesmo sexo seja uma ideia recente, a qual, em poucos anos, passou de piada a dogma. Tão-pouco conta que só uma minoria de países ocidentais o tenha aprovado. Se não se aceitar, é-se ultraconservador.

O problema destes qualificativos apressados é que colocam no campo ultraconservador toda a Ásia, toda a África, a maioria da América, a Rússia e tantos outros países, que continuam a acreditar que o casamento é um assunto entre homem e mulher, como o foi sempre em qualquer cultura ao longo da história. Um mundo tão flagelado de ultraconservadores, não augura nada de bom para o progresso.

Tradicionalmente, o qualificativo de conservador era utilizado para referir os que se opunham a reformas que podiam ameaçar os seus privilégios de classe e as suas vantagens económicas. Contudo, o qualificativo ultraconservador é reservado hoje, não para assuntos que têm a ver com a economia, mas com as modas sociais. A pessoa pode opor-se à progressividade no imposto sobre o rendimento, a favor do despedimento livre e contra o salário mínimo, e ninguém lhe chamará ultraconservadora. Quando muito, liberal, que é uma posição muito mais aceitável no meio.

Pelo contrário, se se pensar que uma criança ficará sempre melhor com um pai e uma mãe, que no aborto não se pode esquecer que existe já uma vida no seio materno, que utilizar embriões humanos como material de experiência não é um avanço para a humanidade, ou que fumar marijuana não é mais são do que fumar tabaco, então é-se um ultraconservador notório.

Muito menos se percebe bem por que motivo quem defende estas ideias é classificado de ultraconservador, quando, na realidade, o que pretende não é conservar, mas modificar a ordem atualmente dominante em muitas sociedades do Ocidente. Efetivamente, o que aconteceu foi uma alteração de *establishment*. Ideias e grupos que tradicionalmente representavam a maioria social, passaram, em muitos casos, a ser minoria, enquanto aqueles que exigiam uma mudança obtiveram-na e converteram-se na nova classe dominante.

E é este novo *establishment* que quer conservar a atual ordem de ideias e práticas, depreciando o adversário como ultraconservador e exigindo que se adegue à nova época. Assim, os que noutros tempos enalteciam a cultura alternativa e o inconformismo contra a ordem estabelecida, consideram agora inadmissível que se discuta o que eles criaram. Mas, como escreveu Thierry Maulnier, “querer estar a qualquer

preço em consonância com a época, é a maneira mais evidente de ser conformista”.

Pelo menos, poderíamos não nos conformar em avançar com adjetivos, e procurar debater com ideias.

I. A.